

TERESINHA BERNARDO

CANDOMBLÉ: IDENTIDADES EM MUDANÇA

XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum  
de Pesquisa 23: "Venturas e Aventuras  
Religiosas".

BRASÍLIA

Julho de 2000

Este paper procura, por meio da análise de processos interativos, resgatar o candomblé com a finalidade de perceber as continuidades e, especialmente, as rupturas que ocorrem com essa expressão religiosa.

O candomblé constituiu-se, de um lado, a partir da diáspora africana e, de outro, através de processos sincréticos. A respeito da diáspora, Massimo Carnevacci diz: “a diáspora de etnias tão diferentes realizou de formas imprevisíveis o sentido da palavra de origem grega; uma inseminação aqui e acolá, uma fecundação dispersiva; uma disseminação desordenada”<sup>2</sup>. No entanto, o autor, ao fazer essa afirmação, não está explicitando somente o sentido da diáspora; está, ao mesmo tempo, colocando as bases do sincretismo não somente o religioso, mas ampliando a noção para a totalidade da cultura.

O sincretismo afro-brasileiro fica melhor explicitado se voltarmos ao passado africano, onde encontrava-se uma diversidade incontável de grupos étnicos. A esse respeito, Roger Bastide se indaga: “A África enviou ao Brasil criadores e agricultores, homens da floresta e da savana, portadores de civilizações totêmicas matrilineares e patrilineares, pretos conhecendo vastos reinados, outros não tendo mais que uma organização tribal, negros islamizados e outros animistas africanos possuidores de sistemas religiosos politeístas e outros sobretudo adoradores de ancestrais de linhagem. Como essas diversas civilizações não se destruíram mutuamente pelo simples contato?”<sup>3</sup>.

Só é possível responder ao questionamento de Bastide por intermédio de hipótese, uma vez que o contato entre esses diferentes grupos durante a escravidão no Brasil foi pouco estudado.

Por um lado, pode ser que os negros, ao saírem da África, indiferentemente ao grupo étnico a que pertenciam, experimentaram o mesmo tipo de sentimento por não terem a mínima possibilidade de voltar à terra de origem .

No entanto, o negro não experimenta o sofrimento intenso apenas ao ser banido da terra-mãe. “Há o encontro de um inimigo comum, o sistema escravagista, que faz com que diferentes etnias, ao entrarem em contato, se unam em vez de se destruírem como receava Bastide”<sup>4</sup>.

---

1 Teresinha Bernardo: Professora Assistente Doutora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP.

2 Carnevacci, Massimo. Sincretismos. São Paulo: Studio Nobel, 1996, p. 8.

3 Bastide, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1960, p. 67.

4 Bernardo, Teresinha. Axé: ruptura e continuidade. In: Margem, v. 6. São Paulo: Educ, 1997, p. 107.

Parece que o autor de *As religiões africanas no Brasil* ainda esqueceu o significado da diáspora, que Carnevacchi analisa com desenvoltura: o da criatividade, que permite de forma por vezes desordenada fecundações inesperadas. Assim, se as etnias africanas cultuavam cada uma sua divindade, no Brasil, os “deuses ao entrarem em contato se juntaram constituindo o candomblé”. Dessa forma, essa expressão religiosa cultua no Brasil uma pluralidade de deuses denominados orixás.

Essa idéia de multiplicidade que se encontra no bojo do candomblé contrapõe-se, de um lado, às noções de unidade-continuidade estabelecidas pela visão certa e integradora da Razão; de outro, liga-se às noções de ruptura e de diferença que parecem ser traços característicos do pensamento contemporâneo. Nas palavras de Motta Peçanha: “A cômoda sistematização de todas as variedades de fenômenos sob a égide unificadora de um mesmo fundamento, ou princípio ou método, e a simpática promessa de apaziguamento das discórdias em torno de uma verdade comum e permanente podem ter - e frequentemente têm - enormes inconvenientes. O inconveniente do autoritarismo e da violência”<sup>5</sup>.

Contrapondo aos monismos, o mesmo autor afirma: “O pluralismo justifica o dissenso e a diferença, a ruptura e a tensão entre razões, opiniões, argumentos, mas legitima com isso a liberdade democrática de ser e pensar diferente, a liberdade de divergir mas também de estabelecer acordos: provisórios sim, instantâneos sim - porque humanos contingentes históricos, no tempo”<sup>6</sup>.

É nessa perspectiva que a multiplicidade dos deuses do candomblé deve ser entendida contra os monismos por um lado, mas especialmente relacionada à idéia de ruptura, de provisório, de contingente.

A explicitação das relações entre mono-continuidade e multiplicidade-ruptura ilumina ainda mais a noção de sincretismo que, no limite, representa a capacidade que o candomblé possui de incorporação do novo, do diferente, do contingente, do presente histórico. Mas mais do que isso, significa que se o candomblé sofre um processo de branqueamento, este processo não é unilateral, constituindo sim uma rua de duas mãos. Mais precisamente, se há de um lado branqueamento, há de outro enegrecimento.

Essas noções de diásporas, sincretismos, rupturas, multiplicidades fazem sentido quando se objetiva pesquisar as transformações que ocorreram e ocorrem com o candomblé. Em outras palavras, essa expressão religiosa contém em seu bojo

---

5 Pessanha, J.A. Motta. *Cultura como ruptura*. In: *Tradição contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora/Funarte, 1987, p. 70.

características fundamentais, que participaram de sua constituição e que possibilitam a sua transformação para adequar-se a diferentes contextos.

O movimento de transformação que o candomblé apresenta de maneira nenhuma é linear, dirige-se em múltiplas direções, e as relações de poder não ficam concentradas nos terreiros espriam-se inclusive intra cidades de vários estados brasileiros. É óbvio que o centro principal é Salvador, em seu entorno gravitam a maior parte das relações sociais. Em outras palavras, é nesta cidade que as sacerdotisas e os sacerdotes do candomblé recorrem para se legitimarem enquanto líderes religiosos.

Esta procura pela “Roma Negra” neste final de milênio se intensificou. Se no final dos anos 70 e sobretudo nos anos 80 a África aparecia como referência, provavelmente devido às influências do movimento negro onde despontava o processo de africanização, no presente ressurgiu Salvador com tudo o que representa, especialmente com o candomblé queto.

Essa mudança de referencia tem a ver de um lado com as inúmeras dificuldades que os brasileiros encontraram em terras africanas, sobretudo a língua; uma vez que os ensinamentos dessa expressão religiosa ocorrem através da oralidade; por outro lado, os imemoriais templos baianos parecem ter cada vez mais prestígio. A mídia teve, neste aspecto, um papel fundamental.

Mas as causas, inclusive do status atual do candomblé de Salvador, parecem ser mais abrangentes para não dizer globalizantes. Na verdade vive-se um tempo hoje marcado pela ênfase dada ao fantasma da homogeneização, onde o local seria apropriado pelo global; onde as culturas tradicionais tenderiam a desaparecer. É nesta perspectiva que deve ser entendido o “retorno a Salvador” como uma metáfora, pois o seu significado neste contexto é o candomblé queto. Na verdade, o que parece estar ocorrendo é a tendência de elementos culturais locais ou particulares estarem sendo reforçados pela resistência à globalização.

Se é verdade que a religião é um elemento por excelência da cultura, as afro-brasileiras, sem dúvida nenhuma são dignas representantes de parte da cultura brasileira. É neste sentido que deve ser percebido o movimento de certos elementos culturais afro-brasileiros que são tentados, algumas vezes a se voltar para o passado, a rumar defensivamente para um outro tempo. Esse movimento regressivo pode parecer anacrônico, mas também pode ser analisado como luta, como resistência oculta à homogeneização característica do processo de globalização.

O movimento para o candomblé queto, pode também ser denominado de “processo de quetização” parece abarcar todas as expressões religiosas afro-brasileiras; da umbanda à casa da mina passando pelo batuque.

Percebe-se no universo religioso afro-brasileiro atual sacerdotisas e sacerdotes de raiz queto sendo procurados para participarem da obrigação de líderes religiosos de outras vertentes afro-brasileiras.

Esse movimento inclui cidades como: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Luiz, Brasília.

É claro que a maioria dos sacerdotes batem à porta de Salvador. No entanto encontram-se também líderes religiosos que mandam buscar pais e mães-de-santo queto de renome, para participarem de obrigações em seus próprios terreiros. Fica registrado, assim, a sua nova identidade no universo religioso afro-brasileiro de sua localidade.

Esse processo de quetização, no entanto, não pode ser analisado, por um lado, como a procura da “pureza nagô”, utilizando-me de uma expressão de Beatriz Góes Dantas<sup>7</sup>, pois a própria pluralidade dos deuses que constituem o candomblé atestam a sua formação sincrética; mas, por outro lado, pode ser pensado, sim, como a busca de uma tradição. Tradição essa possibilitadora de reposição de diferenças frente à tendência progressiva de homogeneização cultural.

Essa procura pela tradição também pode ser encarada como uma valorização local, o fascínio exercido pela diferença engendrado pelo próprio processo de globalização.

A procura da tradição, tanto como resistência quanto exploração da diferenciação local no sentido da estratégia da globalização, não pode ser entendida como etnicamente pura.

Na verdade ao se destacar a procura pelo candomblé queto desponta com vigor a noção de etnicidade, que ao ser trabalhada deve levar em consideração o que diz Paula Monteiro: “A etnicidade não dá conta de situações nas quais os traços considerados autênticos não estão presentes enquanto a reivindicação pela identidade ela mesma esta”<sup>8</sup>. É neste sentido que a noção de etnicidade, esse modo especial de qualificar identidades, ganha o foro político assegurando direitos e espaços sociais. Em outras palavras a inexistência de traços culturais autênticos atestam o uso simbólico de elementos culturais.

---

7 Dantas, Beatriz G. Repensando a pureza nagô. In: Religião e Sociedade, nº 8. São Paulo: Cortez, 1982.

Desta forma ,quando uma sacerdotisa queto é convidada à participar de um ritual de obrigação de um líder religioso do batuque em Porto Alegre e expressa um tom crítico à música e ao gestual desenvolvidos naquela casa, anuncia, de um lado, a inexistência de traços culturais queto; de outro, a sua presença como mãe-de-santo atual do antigo líder batuqueiro o transforma em sacerdote do queto - a nova identidade se faz presente. Mas esse encontro propicia muito mais: fragmentos culturais das duas vertentes religiosas se distanciam mas, também se encontram fazendo parte de um mesmo movimento - do sincretismo, que delinea novas cartografias. Na realidade, o “processo de quetização” à primeira vista poderia ser pensado também como homogeneizador, entretanto analisado pelo ângulo da etnicidade percebe-se através do jogo do sincretismo, que as diferenças são constantemente repostas.

Por outro lado, a busca pelo queto percebido pelas lentes da tradição, a um primeiro olhar, pensa-se em continuidade, a direção indicada parece ser a da homogeneização.

No entanto os gregos já percebiam que “os conceitos opostos costumavam atrair-se, que eles formam de algum modo uma unidade. A tradição só parece ser imperturbavelmente ela mesma na medida que afasta qualquer possibilidade de ruptura, ela se quer perene e eterna sem aperceber-se de que a ausência de movimento termina condenando-a à estagnação da morte. A necessidade da ruptura se torna em consequência, imperiosa para restituir a dinamicidade ao que pareceria sem vida”<sup>9</sup>.

Desta forma a tradição queto se movimenta na tensão entre a continuidade e a ruptura. Neste movimento novos fragmentos culturais são incorporados. Mas, continua a tradição queto.

A dinamicidade da tradição permite, assim a reposição das diferenças. Se assim não fosse como explicar que a tendência ao retorno a Salvador, a busca pelo queto possibilitasse, por si só, a percepção de diferenças que se encontravam na subterraneidade e que nesse momento encontram condições de aflorarem, anunciando a sua identidade queto mas diferente das demais. Se não é por esse viés, como explicar que a sacerdotisa central de uma das cinco casas elencadas por Edson Carneiro em 1948<sup>10</sup> como de tradição queto tenha, o seu caboclo Jundiara que

---

8 Monteiro, Paula. Globalização, Identidade e Diferença. In: Novos Estudos CEBRAP, nº 49. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências Sociais, p. 63.

9 Borheim, G. O Conceito de Tradição. In: Tradição e Contradição. Jorge Zahar Editor / p. 15.

10 Carneiro, Edison. Os Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

aniversaria no dia 2 de Julho e festeja seu aniversário na missa rezada para ele onde inclusive comunga na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, no Pelourinho, em Salvador.

A sacerdotisa queto, em conversa, informa: “Ele é maravilhoso. Outro dia mesmo encontrei, uma senhora, no mercado, que me disse que foi devido a sua sabedoria que sua irmã que mora nos Estados Unidos se salvou”. Ainda, sobre o caboclo, uma sua conhecida disse-me: “É uma pena você ter chegado só hoje. Você perdeu de ver o Jundiara. Quem conhece, não esquece”. A sacerdotisa conclui: “Agora só na segunda semana de janeiro ele está lá no sítio”<sup>11</sup>.

Assim, as diferenças são repostas: a tradição queto, o caboclo Jundiara e a Igreja da Nossa Senhora do Rosário. Jundiara abre o diálogo da tradição queto com o catolicismo e com todas as outras expressões religiosas afro-brasileiras que têm o caboclo como entidade, iluminando a impossibilidade de qualquer processo de homogeneização. As diferenças mais inesperadas aparecem em locais imprevisíveis.

O processo de globalização com a mundialização das culturas parece não encontrar guarida em formas culturais plurais, onde as rupturas estão presentes, onde os acordos provisórios, contingentes e portanto históricos são passíveis de serem realizados. São esses fatores que permitem que as diferenças possam ser continuamente repostas. Não existe uma razão unificadora.

---

11 Estes dados foram obtidos através de pesquisa que venho realizando desde 1996 na mesma casa queto em Salvador e São Paulo.